

## O CONCEITO DE *MATERIAL* NA HISTÓRIA DO *ESPÍRITO ABSOLUTO*

Lucas Alves Marinho

### RESUMO

Pretende-se, neste artigo, compreender o progressivo desenrolar (ou progressivo determinar-se) do *espírito absoluto* na filosofia hegeliana – deslocando, nessa história, a costumeira centralidade do conceito de *ideia* para o conceito de *material*.

Palavras-chave: *Hegel, Espírito Absoluto, Material, Linguagem.*

### ABSTRACT

This paper aims to comprehend the progressive unfolding (or progressive self determining) of *Absolute Spirit* in the philosophy of Hegel – dislocating, in this history, the customary centrality of concept of *idea* toward the concept of *material*.

Key words: *Hegel, Absolute Spirit, Material, Language.*

### Considerações Iniciais

Em geral, apresenta-se o desenrolar do *espírito absoluto* na filosofia hegeliana referindo-se cada uma de suas necessárias determinações históricas diretamente à *ideia*. Isto certamente elucida o gradativo *teor de verdade* e sistematicidade desses momentos; mas acaba deixando escapar sua dialeticidade imanente. Exatamente o que importa quando não se quer pensar abstratamente.

Acompanharemos o desenrolar do *espírito absoluto* através do progressivo entrelaçamento de duas noções antinômicas mais específicas, por isso mesmo efetivamente dialéticas, o *material* e o *espiritual* – compreendida a *linguagem* como material progressivamente espiritualizado (ou espírito progressivamente concretizado); compreendido o *espírito absoluto* como *linguagem*. Esperamos assim corrigir, em alguma medida, o caráter excessivamente abstrato das interpretações mais comuns.

Distinguem-se na arte dois elementos básicos: um *conteúdo*, a idéia absoluta, e sua *forma concreta* ou *representação sensível*. A história da arte da filosofia hegeliana é a história da dialética interpenetração e conciliação gradativa destes dois elementos – a *idéia* e a *representação sensível* – "numa livre totalidade" para realização (e ultrapassamento) do *belo artístico* – vestibulo do espírito absoluto.

Nessa história há três momentos – segundo o grau de realização, em cada um deles, daquele *ideal* da máxima correspondência entre a *idéia* e sua *forma sensível* nas obras de arte: a *arte simbólica*; a *arte clássica*; e a *arte romântica*.

O que caracteriza fundamentalmente o primeiro estágio da história da arte é que, em suas obras, aqueles dois elementos constituintes, o *conteúdo* e a *forma sensível*, encontram-se vinculados por um "laço puramente arbitrário". Daí seu caráter invariavelmente *sublime*: *forma própria ao pensamento simbólico*, no qual o *sentido* e a *expressão* igualmente estão vinculados arbitrariamente.

Essa patente inadequação entre *conteúdo* e *forma sensível* na arte simbólica decorre, segundo Hegel, de uma representação da idéia –

*"ainda imensa e incapaz de se determinar livremente, a idéia que, antes de ser forma, não encontra nas manifestações concretas uma forma precisa e determinada que corresponda exatamente ao que ela tem de abstrato e geral."*  
(HEGEL, Curso de Estética 1996, pág. 342.)

Têm lugar na arte os esforços iniciais da *idéia* (abstrata) para sua efetivação ou determinação histórica – como *espírito*. Pelas obras de arte, os mais resistentes e imediatos materiais ver-se-ão *espiritualizados* gradativamente, enquanto plasmem-se à *idéia* consentindo seu necessário concreto desdobramento.

Os produtos da *arte simbólica* (primeiro desses esforços) por seu incipiente *conteúdo* (tese) – a *idéia* ainda *maximamente abstrata e geral* – serão: do ponto de vista do *material* (antítese), minimamente *espiritualizados*; e do ponto de vista (propriamente artístico) da *forma sensível*<sup>1</sup> (síntese), minimamente adequados à representação da *idéia*. Os produtos da arte simbólica, espécies de monstruosas materializações do choque do próprio par de extremos do espírito<sup>2</sup> – a *idéia imensamente* abstrata e a mais imediata

<sup>1</sup> Parece-me indispensável explicitar essa distinção, implícita na estética hegeliana, entre o *material* – *imediato* – e a *forma sensível* – produto *espiritualizado* do material sob ação da *idéia*.

<sup>2</sup> "É horrendo cair nas mãos do Deus vivo." (HEBREUS 10:31)

*concreção sensível* – não são, portanto, *verdadeiros* – naquele "sentido de que a forma em que a idéia se incorpora é a forma verdadeira em si e de que a idéia expressa nesta forma constitui, por sua vez, a expressão de uma verdade" –; perdem-se em significações secundárias.

Falha na conformação perfeita entre *idéia* e *representação*, a *arte simbólica* fundará, no entanto, e justamente porquanto impetuosíssima, os templos que sagrarão algo da natureza exterior à completa beleza clássica.

Nos produtos da *arte clássica*, Hegel celebra o Deus posto sensivelmente no templo, a perfeita realização da essência da arte – o *belo ideal*: eis que a *idéia* (reverberada) finalmente determina-se em sua *forma sensível* mais adequada, a figura humana. A figura *espiritual* humana.

"... significação livre e independente, quer dizer, não uma significação de qualquer coisa, mas uma significação em si, uma significação que se significa a si mesma e em si contém a sua própria interpretação." (Curso de Estética, 473)

Assim a *idealização* do humano na arte clássica: o *material*, ora suficientemente mais dócil, já não é, como na *arte simbólica*, abalado violentamente mas *naturaliza-se* sereno enquanto vai sujeitando-se ao *espírito*. Assim, numa palavra, a rematada *síntese formal* entre o *material* (exterioridade pura) e o *espiritual* (interioridade pura) na *arte clássica: natural*.

"Eis por que, ao entrar no mundo, Cristo diz [dirigindo-se a Deus Pai]: 'Não quiseste sacrifício nem oblação, mas me formaste um corpo.'" (HEBREUS 10:5)

"Determinação individual do espírito (o humano), isento dos vícios da finitude... mas que não deixa de estar em oposição com o verdadeiro conceito do espírito."

A idéia, determinada nas obras da *arte clássica* segundo sua perfeita forma sensível, o humano, é *beleza e liberdade: espírito* – tendo conjugado já plenamente o *material* e realizado *cabalmente* sua manifestação estética.

Mas não basta ao espírito essa liberdade estética, liberdade ainda referida ao *material* numa *forma sensível*. O *material* precisa ser *subjugado*.

Eis a *arte romântica*: ressentido de seu relativo condicionamento junto à "aparentemente sólida e simples totalidade do ideal", o *espírito* repetirá então aquela cisão da *arte simbólica*, extrapolando sua *conformação sensível*, "outro" onde se exteriorizava; mas desta vez para (literalmente) *recolhê-lo*<sup>3</sup>, *re-tendo-o* – em si mesmo seu outro.

"... o espírito sabe que a sua verdade não consiste em mergulhar no que é corpóreo e que, pelo contrário, só adquire a consciência da sua verdade quando se retira do que é exterior para regressar a si mesmo... é uma beleza puramente espiritual a que lhe importa, a beleza da interioridade como tal." (Curso de Estética, 571)

Se as próprias formas particulares representativas de cada um dos períodos anteriores da história da arte – a *arquitetura*, na *arte simbólica* e a *escultura*, na *arte clássica* – com seus respectivos *materiais* denunciavam o considerável grau de comprometimento do *espírito* com a *concreção sensível*, a poesia, forma artística particular representativa da *arte romântica*, testemunhará, por sua vez, a quase supressão desse comprometimento.

A palavra poética – o *signo* – é *sinal* do *espírito*. A *linguagem* – conjunto dos signos – ainda que não em sua forma filosófica, é já o próprio *espírito* – irmanados forma e conteúdo.

## II

Compreendidos os determinados estágios progressivos da experiência da arte como determinados estágios progressivos da experiência da linguagem; compreendido o signo como *material básico* cuja progressiva espiritualização acompanha aquela história da experiência da arte e da linguagem, salta aos olhos a perfeita continuidade entre os lugares *artístico* e *filosófico* de efetivação do espírito absoluto<sup>4</sup>.

A *espiritualização*, em seu sentido mais geral, refere-se exatamente à (gradativamente) bem sucedida efetivação histórica da *idéia*. Naquele sentido particular que até aqui nos interessou, *espiritualização* referiu-se à (gradativamente) bem sucedida

<sup>3</sup> **Recolher**: colher para si, guardar, reunir, dar acolhimento, puxar para si, voltar para casa, regressar, concentrar-se, reconcentrar-se. (em: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*)

<sup>4</sup> Conceda-nos ignorar aqui o lugar religioso do espírito absoluto.

plasticidade de um *material sensível* conformando-se ao *belo* – que é o *espírito* ("emanação da idéia absoluta") de um ponto de vista estritamente estético.

No sentido particular, linguístico, que a partir de agora nos interessará, *espiritualização* referir-se-á à (gradativamente) bem sucedida maleabilidade de um "material ideal", o *signo*, conformando-se à *razão* – que é o *espírito* de um ponto de vista estritamente científico.

Poder-se-ia seguramente afirmar: o que determina, no sistema hegeliano, a superação do mero *entendimento* pela mais verdadeira perspectiva da *razão conceitual* é uma progressiva adequação do *material* peculiar à linguagem científica – o *signo* – à dialeticidade, sistematicidade e, porque não, plasticidade do *espírito*.

O esforço é fundamentalmente o mesmo. De fato, o *material* da prosa filosófica, o *signo* – "palavra, som articulado, preciso, de uma função que consiste em exprimir representações, idéias, em ser o sinal de uma espiritualidade" –, só se faz possível como resultado de um longo *trabalho* estético de progressiva *espiritualização* desde *materiais* muito mais resistentes – como resultado da história da arte.

A *razão* é, ou *efetiva-se*, como linguagem cujo material *espiritualizou-se* maximamente.

### III

No prefácio à *Fenomenologia do Espírito*, Hegel apresenta e justifica seu pensar dialético (*conceitual*) distinguindo-o de dois outros *modos*: o pensar *representativo* e o pensar *intuitivo*.

Sobre o *modo* intuitivo basta dizer que sua pretensa apreensão imediata – num *tiro de pistola* – corresponderá sempre a uma esotérica, incomunicável, por isso *não científica* referência ao *absoluto* como conteúdo indeterminado. O pensar representativo é que nos servirá aqui como sério contraponto elucidativo.

O *entendimento* – pensamento representativo – é, segundo Hegel, indispensável *começo de cultura*; porque permite *suprassumir* as coisas singulares, o *isto* da certeza sensível, numa *universalidade* – um *signo* linguístico. No entanto, o *entendimento* ainda não se realiza como *Razão* por uma má compreensão, ou melhor, um manejo deficiente

do *signo* como *representação*: que separa o contingente do essencial<sup>5</sup> mas como mero correlato *abstrato* para fixação dos conteúdos da intuição em determinações compartimentadas, incapazes de elevar à universalidade a vinculação efetiva dos objetos na existência. Seus *signos* são apenas “*conteúdos de conhecimento*” – abstrações.

“Ao isolar os ‘pensamentos’ e encadeá-los como simples objetos de conhecimento, [o entendimento] dá crédito à idéia de que o Saber é uma estratégia ‘subjéctiva’. É óbvio então que, de direito, o ‘pensamento’ é abstrato, que, de direito, os ‘conhecimentos’ são parciais, que o domínio do ‘conhecer’ está disjungido da prática.”<sup>6</sup>

O que não quer dizer que a passagem do *entendimento* para o *pensamento racional* se fará por uma “volta às coisas mesmas” na intuição. Não há nada aquém dos *signos* que justifique abdicar desta perspectiva universal – “momento necessário do pensamento” – alcançada pelo entendimento. Sua deficiência, o carácter *abstrato* dessa universalidade, deve-se exatamente a uma excessiva proximidade da *concretude* que faz determinar os *signos*, a despeito da maior essencialidade destes, da mesma forma compartimentada, parcial, como a sensibilidade experimenta seus objetos.

*O universal – este abstrato do pensamento representativo – é o verdadeiro da certeza sensível.*<sup>7</sup>

A superação do *pensamento representativo* rumo à perspectiva da *Razão* virá sim como consequência de um mais radical centramento, não no sujeito, tampouco nos objetos, mas nos próprios *signos*; que desdobre sua universalidade atômica e estática –, porque insistentemente referida à intuição – numa totalidade dinâmica, efetiva e sistematicamente vinculada – porque insistentemente referida à própria linguagem.

“Nos tempos modernos, o indivíduo encontra a forma abstrata pronta. O esforço para apreendê-la e fazê-la sua é mais o jorrar para fora do interior, e o produzir abreviado do universal, em vez de ser um brotar do universal a partir do concreto e variedade do ser-aí... o trabalho atualmente não consiste tanto em purificar o indivíduo do

<sup>5</sup> “Em geral sua atividade [do entendimento] consiste em abstrair... ele separa o contingente do essencial” (HEGEL, *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*)

<sup>6</sup> LEBRUN, Gérard. *A Paciência do Conceito – ensaio sobre o discurso hegeliano*. Pág. 77.

<sup>7</sup> *Fenomenologia do Espírito*. Pág. 87.

*modo sensível imediato, e em fazer dele uma substância pensada e pensante; consiste antes no oposto: mediante o suprasumir dos pensamentos determinados e fixos, efetivar e espiritualizar o universal."*

Este o traço distintivo da *Razão*: compreender a linguagem como sistema de *signos*, onde estruturam-se e resolvem-se *dialeticamente*, e numa perspectiva universal, todas as implicações *conceituais* da experiência; não por paralelismo, mas enquanto manifestação efetivamente mais bem acabada do *espírito*. De fato, se o espírito é exatamente o desdobrar-se autoconsciente (auto-referente) da idéia antes abstrata, o conceito é o desdobrar-se auto-referente (autoconsciente) da representação – antes abstrata. A idéia está para a representação assim como o espírito está para o conceito. E a representação está para o conceito assim como a idéia está para o espírito.

A linguagem, própria "carnadura" do espírito, é o verdadeiro *conteúdo* (e forma) do pensamento racional. *É nos nomes que pensamos.*

#### IV

Do ponto de vista da *Razão*, os signos são veículos referidos à própria linguagem enquanto possibilidade de significação – determinação. Todas as possíveis determinações da experiência não brotam como sugestões espontâneas da intuição, são possibilidades de determinação da própria linguagem auto-referente e auto-constituente. O que dota os signos de significado (efetividade) não é qualquer objeto *concreto* da intuição mas a própria linguagem constituindo-se efetivamente vinculada ao *real* – uma vez estabelecida historicamente sua universalidade e sistematicidade.

Insisto: *é nos nomes que pensamos*<sup>8</sup>. Compreender isso, abandonando-se à *Coisa* através da linguagem necessária e logicamente (ou melhor, dialeticamente) sistemática, é pensar segundo a *Razão*.

A dialética, em seu mais elevado estatuto, é dialética entre: a linguagem como possibilidade infinita de significação e sua progressiva atualização (determinação)

---

<sup>8</sup> Poder-se-ia pensar mesmo numa experiência da linguagem idêntica, em suas gradações, à experiência da consciência: a linguagem como índice de objetos particulares, a linguagem como representação mais ou menos essencial (universal) desses objetos mas dotada de considerável autonomia; a linguagem em seu uso positivo – instrumental para intervenções metodológicas utilitárias; a linguagem compreendida enquanto sistema de signos auto-referentes.

semiológica sistemática, necessária, cada vez mais totalizante, mas sempre insuficiente. Inescapável insuficiência – motor (*negativo*) do pensamento.

É a partir das *representações* como *idéias abstratas*, ou seja, estrutura de signos lingüísticos universais indeterminados mas passíveis de determinação que o *conceito*, desdobrar-se dialeticamente necessário de toda determinação, será possível. A representação guarda, de fato, em potência, o paciente auto-determinar-se do conceito.

Deus, ou o absoluto, efetiva-se na medida em que *é*, ou seja, na medida em que predica-se, determina-se, pondo-se (reiteradamente) em alteridades parciais – que se organizarão desdobrando sistematicamente a verdade (indiferenciados forma e conteúdo) do conceito – mesmo que dizer: fazendo o conceito voltar-se a si mesmo, refletindo-se reiteradamente em figura reiteradamente enriquecida.

Pensar conceitualmente, dialeticamente, é essa *predicação*<sup>9</sup>: que arranca à universalidade abstrata, colocando a representação estanque diante de um seu aspecto de-terminado, fluidificando-a; *atualização* que, por sua necessária parcialidade, será *negação* da representação como algo estático, pretensamente acabado, e fará movimentar a representação – tornada enfim conceito – rumo a uma sua determinação superior referida à totalidade – superação daquela parcialidade –, um seu ser-outro – que é pôr-se a si mesma – cada vez mais adequado.

Note-se bem: desde que eu pense conceitualmente, *objetivamente*, não sou eu quem arbitrariamente predica; apenas acompanho o desvelamento logicamente necessário, abandonando-me dialeticamente, ao efetivar-se reflexivo do real que *é*, em sentido forte, *conceito*. Abandonando-me dialeticamente ao efetivar-se reflexivo, numa palavra – da *linguagem*.

Parafraseando – o espírito é livre na prisão (infinita) da linguagem.

---

<sup>9</sup> Cf. o *Parmênides*, de Platão.



## **BIBLIOGRAFIA**

HEGEL, Georg W. Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. Col. Pensamento Humano. Ed. Vozes. 5ª edição, 2008

HEGEL, Georg W. Friedrich. *Curso de Estética – o sistema das artes..* Col. Paideia. Ed. WMF Martins Fontes. 2ª edição, 2009.

HEGEL, Georg W. Friedrich. *Curso de Estética – o belo na arte*. Col. Paideia. Ed. WMF Martins Fontes. 2ª edição, 2009.

HEGEL, Georg W. Friedrich. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas, V.1 – a ciência da lógica (1830)*. Ed. Loyola. 1ª edição, 1995.

LEBRUN, Gerard. *A Paciência do Conceito – ensaio sobre o discurso hegeliano*. Ed. Unesp. 1ª edição, 2006.